

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO TÉCNICA DA BAHIA – CETEBA  
COMUNICAÇÃO SOCIAL / HAB. EM RELAÇÕES PÚBLICAS

*Política, MST e O Rei do Gado*

Por\* ANDRÉ MESSIAS DE OLIVEIRA GOMES

FÁBIO JOSÉ DA SILVA NASCIMENTO

**Orientador:**  
SUÊNIO CAMPOS DE LUCENA

\* Bolsistas do PIBIC / CNPq

Salvador –Ba  
Julho/98

## Introdução

Este trabalho é fruto da conclusão dos estudos realizados por bolsistas do PIBIC/CNPq, na Universidade do Estado da Bahia, dentro do Projeto de Pesquisa: “Realidade e Ficção: Análise dos Universos Agrário, Político e Literário na Telenovela *O Rei do Gado*”.

As telenovelas brasileiras vem destacando ao longo de anos questões ligadas à vida interiorana, em especial os problemas fundiários nacionais. O enredo destas novelas normalmente é marcado pelo eterno conflito entre as beatas e as mulheres da vida pelas disputas políticas entre o coronel e seus opositores; com o uso reiterados de práticas de cura, festas profanas e religiosas, pelo sotaque típico dos sertanejos, provérbios, vícios, hábitos, tabus e a moral típica da realidade provinciana de pequenos lugarejos, vilas, fazendas e sítios, bem como a presença de personagens como os ciganos e as manifestações do culto afro-brasileiro. A comédia rural acrescenta à intriga elementos como a sátira, o deboche, etc. Nesse estilo, as novelas que mais se destacaram foram **Saramandaia** (Globo, 1976), **O Bem Amado** (Globo, 1977) e **Roque Santeiro** (Globo, 1985).

Algumas novelas e minisséries como **O Tempo e o Vento** em 1967, adaptado por de Teixeira Filho<sup>1</sup> do romance homônimo de Érico Veríssimo e **Sangue e Areia** (Globo, 1968), de Janete Clair, abordaram a luta pela posse da terra e a mistura de raças, temas difíceis de serem abordados no auge da repressão militar. Entretanto, novelas como **Cavalo de Aço** (Globo, 1973), de Walter Negrão<sup>2</sup>, não puderam abordar a questão agrária com maior profundidade devido à interferência da censura, sob a alegação de que a temática era subversiva.

A seguir, abordaremos as obras de Benedito Ruy Barbosa, em especial suas últimas produções: **Pantanal**, **Renacer** e **O Rei do Gado**, enfatizando os aspectos relativos à questão fundiária brasileira.

---

<sup>1</sup> Dentre suas obras de maior destaque estão: *O Tempo e o Vento* (1967-8), *Os Diabólicos* (1968-9), *O Direito dos Filhos* (1968), *O Direito de Nascer* (1978-9) e *O Homem Proibido* (1982).

<sup>2</sup> Dentre suas principais obras estão: *Somos Todos Irmãos* (1965), *A Cabana do Pai Tomás* (final-1970), *Roda de Fogo* (parcial-1978), *Chega Mais* (com Carlos Eduardo Novais, 1980), *Pão Pão, Beijo Beijo* (1983), *Livre para Voar* (1984-5), *De Quina pra Lua* (parcial- 1985-6), *Direito de Amar* (1987, com Marilu Saldanha e Ana Maria Moretzsohn), *Despedida de Solteiro* (1992-3), *Anjo de*

## O Autor

Benedito Ruy Barbosa já escreveu mais de vinte novelas. Em todas, a preocupação em provocar discussões políticas e sociais em torno dos universos agrário e interiorano brasileiros, tendo como elementos o misticismo, a espiritualidade, a culinária e os costumes do homem do campo.

O mérito do autor tem sido, em parte, conciliar a ética urbana fria e impessoal, com a dura realidade do homem do campo, através da vida de personagens marcados pelo amor à terra e ao trabalho. Homenageando-os, Benedito escreveu várias novelas, dando-nos belas imagens e o *ethos* da terra ao longo de sua obra. Sua referência estética situa-se no universo rural, mas devidamente encaixado à realidade urbana, com referências universais. Uma completa a outra na perspectiva de que personagens e histórias possibilitem mais respeito e dignidade ao homem do campo.

Pode-se afirmar que em todas as suas histórias encontraremos temas sociais, com destaque sobretudo à questão da terra, da política agrária e Reforma Agrária:

*“A agricultura brasileira sempre viveu em crise. É muito difícil encontrar um agricultor satisfeito com a vida. Eles estão sempre se queixando, mas nunca desanimam. (...) Desde 71, quando escrevi Meu Pedacinho de Chão para a TV Cultura, (...) comecei a mexer com o mundo rural, colocando minhas opiniões sobre a questão da terra. (...) A Reforma Agrária não é o assunto mais importante da minha novela, mas o assunto mais importante do meu país.”<sup>3</sup>*

Sempre foi narrada a questão dos sem-terra em suas obras, mas não especificamente com esta denominação. Desde **Meu Pedacinho de Chão** ele retrata a luta do homem pela terra. Em **Renacer**, o ingênuo Tião Galinha simboliza a luta. Com **O Rei do Gado**, Regino (Jackson Antunes) lidera um grupo dos sem-terra.

Desde o início, Benedito só escreve novelas sobre temas com os quais tenha afinidade. Em 1980, ano anterior à transmissão de **Os Imigrantes**, foi indicado para escrever **Plumas e Paetês** (Globo,1980/81), mas acabou sendo substituído pelo novelista Cassiano Gabus Mendes. Benedito não aceitou o convite ao verificar que a sinopse era basicamente composta por asas-delta e *wind-surf*, elementos do Rio de

---

*Mim* (1996-7) e *Era Uma Vez* (1998).

<sup>3</sup> Depoimento de Benedito Ruy Barbosa. **SINOPSE de O Rei do Gado**. Boletim de Programação da Rede Globo, p.5.

Janeiro, que têm pouca relação com a realidade em que viveu e sempre procurou narrar.

Possivelmente, a explicação esteja mesmo na sua infância, época em que conviveu com pessoas humildes do campo, vivenciando a realidade de um país ainda rudimentar, incipiente de ícones e valores urbanos.

**Os Imigrantes** (Bandeirantes, 1981) narra de forma épica a trajetória de várias correntes imigratórias ocorridas no Brasil - portuguesas, italianas, espanholas, japonesas e árabes. É um vasto e ambicioso painel de quase cem anos de história política e sócio-econômica nacionais, em que são apresentados temas que permeiam a miscigenação cultural brasileira, preservando e mesclando as diversas culturas e etnias que nos formaram.

Fenômeno de audiência à época, **Os Imigrantes**, dividida em quatro fases, apresenta os principais elementos que marcariam as grandes produções do autor: novelas de cunho histórico, narradas de forma épica, grandiloquente, permeadas de cenas arrastadas, longas, panorâmicas. A intenção é esboçar um perfil do país em larga medida desconhecido do grande público urbano, geralmente distanciado das histórias de luta pela terra e conquista da liberdade vividas pelos diversos grupos sociais e raciais brasileiros, representadas no escravo, no índio, no negro e no imigrante europeu. Junte-se a isso 'retratos vivos' dos costumes trazidos por cada povo (sobretudo italianos) nas regiões de São Paulo, Minas e Centro Oeste, onde se vai 'casar' o urbano com o rural, sempre em forma de saga, das grandes famílias e gerações que estão por trás da formação histórica brasileira.

## ***PANTANAL, RENASCER E O REI DO GADO: UMA TRILOGIA RURAL BRASILEIRA***

Benedito escreveu **Pantanal** (Manchete, 1990), novela marcada pelo despojamento de cenas externas; rios, jacarés e corpos nus fariam a tônica da história, sob demoradas tomadas, com forte teor cinematográfico. É a partir de **Pantanal** que o autor procurará inserir temas sociais bastante polêmicos, muitas vezes interferindo claramente em questões políticas ligadas sobretudo à terra e à realidade do campo.

A trama, que foi ao ar de março a dezembro de 1990, retrata a saga da família de Leôncio, desde os anos 40, quando Joventino (Cláudio Marzo) chega ao Pantanal

do Mato Grosso acompanhado de seu filho de 10 anos, José Leôncio (Paulo Gorgulho/Cláudio Marzo), que se tornará um dos principais criadores de gado, iniciando um clã de peões de boiadeiro.

O universo da região mato-grossense invadiu a TV e todo um imaginário começou a se formar a partir de personagens arquétipos, algo recorrente em sua obra, como Juma Marruá ('espelho da alma primitiva'), Alcides, e Véio do Rio (encarnação da experiência e sapiência) etc. O santuário selvagem de Pantanal, com sua simbologia onírica dos animais, suscitou mistérios para o *modus vivendi* urbano afastado da natureza.

As constantes cenas arrastadas acabaram marcando um novo estilo ao gênero telenovela. Para ele, as novelas deveriam seguir o ritmo do Pantanal, similar ao de uma conversa: "*pois a narrativa é diferente e ninguém tem pressa no Pantanal*"<sup>4</sup>. Tentativa feita para se diferenciar daquilo que está no ar. ao assistir **Pantanal**, com cenas que duravam entre três e cinco minutos, o telespectador sentia uma substancial diferença.

**Pantanal** conseguiu apaixonar o público devido à sua linguagem revolucionária. Ao se utilizar da natureza como recurso cenográfico, renovou a estética da TV brasileira. Conseguindo fazer com que profissionais e público atentassem para a necessidade de retratar a cultura do país, a novela desmitificou o padrão teledramatúrgico saturado em cenários e figurinos artificiais das temáticas urbanas de ascensão social. Todos os recursos utilizados tiveram que ser muito contundentes, devido à necessidade de elaborar um processo de sedução muito eficiente para vencer a barreira do ambiente responsável pela distração do telespectador.

O autor tinha o desejo em produzir novelas na Globo fora dos estúdios, continuando seu trabalho em torno do universo rural do homem simples e humilde. Com esse objetivo, foi ao sertão da Bahia a fim de analisar o provável cenário do seu novo projeto.

O texto de Benedito é uma constante busca de registrar o 'falar popular', o coloquialismo e a espontaneidade do povo, notadamente centrados nas regiões rurais.

---

<sup>4</sup> Depoimento de Benedito Ruy Barbosa. GARAMBONE, Sidney. Sexo, Jacaré e ibope. **Folha de S. Paulo**, p. 10.

O uso de expressões regionais (em **Renascer**, como na maioria de suas novelas, várias regiões foram enfocadas) procurou respeitar as questões ideológicas e políticas, inerentes a cada discurso, geralmente respeitando a inserção dos personagens na trama.

Alguns núcleos dramáticos de **Renascer** são ambientados no meio urbano, entretanto houve uma predominância da ambientação rural. Seu enredo trata da saga de José Inocêncio, um fazendeiro da zona cacauzeira de Ilhéus na Bahia, possuidor de argumentos persuasivos e obstinado. Esta obra destacou-se por mostrar beleza do sertão da Bahia, mas também seus problemas e conflitos, conjugando história, educação e entretenimento.

Ao término de **Renascer**, em 1993, o romancista começou a pesquisa para escrever **O Rei do Gado**, viajando para o interior de São Paulo, Minas e Pará. Prevista para durar duzentos capítulos, a novela estreou no dia 17 de junho de 1996, com direção de Luiz Fernando Carvalho, tendo como principal característica dois períodos sociais e históricos. O primeiro começa em 1943, remontando o Brasil da Segunda Guerra Mundial. Foram sete capítulos cinematográficos gravados em externas em Ampara e Ribeirão Preto, cidades do interior paulista. No oitavo começava a segunda fase, retratando a atualidade brasileira como a moeda Real, a questão dos sem-terra, e a realidade dos descendentes italianos, japoneses, portugueses e índios. Em ritmo de saga, **O Rei do Gado** aliaria em toda a sua trajetória a descrição de graves problemas nacionais com uma boa história, sob o ‘pano de fundo’ da produção do café e do leite, tendo como trama central a paixão do fazendeiro milionário Bruno Mezenga, pela bóia-fria Luana, integrante dos sem-terra.

A primeira fase mostra o confronto entre a família de Mezenga e a de Berdinazi, que brigam eternamente por causa de uma faixa de terra quase insignificante localizada entre as duas propriedades. A dissensão entre os dois teimosos velhos imigrantes italianos é o ponto de partida da trama, que começa retratando a decadência do ciclo do café no interior paulista, e atravessa o período em que o Brasil entra na Segunda Guerra Mundial contra o Eixo, através de um quadro bastante real da vida rural da época até os dias atuais.

Na segunda fase, o herdeiro Bruno Mezenga que suprimira o nome ‘Berdinazi, está rico, casado com uma bela mulher, com quem tem dois filhos, Marcos e Lia. Geremias Berdinazi também conquistou um império e é o ‘rei do café e do leite’. Poderoso e solitário, não possui herdeiros devido a uma caxumba que o deixou estéril,

e ainda com crises por ter conseguido sua fortuna ilicitamente, através de traição para com a mãe, irmã e o irmão Giacomo, cúmplice do roubo de terras da sua família, deixando-o morrer pobre num caminhão de bóias-frias.

Após o aparecimento de duas mulheres bonitas e misteriosas, o autor resgatou a contenda de antigamente. Luana passa a conviver com o grupo de Regino, o líder dos sem-terra, invade uma das várias fazendas produtivas de Mezenga, e termina viajando para a maior de suas propriedades no Araguaia, entrando definitivamente em sua vida. Embora comovido com a história daquela cabocla que não se lembra sequer de sua origem e nem dos acontecimentos anteriores a um acidente de caminhão onde perdeu a família, a princípio Bruno Mezenga não se envolve, apenas ajudando a bóia-fria.

Geremias Berdinazi, que desconhece a existência de Bruno e vice-versa, sem esperança de encontrar o irmão que houvera traído, decide deixar sua fortuna para os empregados. Sua atitude irá mudar quando Marieta, com personalidade determinada, surge de repente alegando ser sua sobrinha, filha daquele irmão que virou bóia-fria e que Geremias tanto procurou.

## **O Rei do Gado, Reforma Agrária e MST**

A última produção de Barbosa, **O Rei do Gado**, teve como cenário conflitos entre posseiros e grileiros da região do Mirante do Paranapanema, em São Paulo, o que mostra um posicionamento de vanguarda da ficção televisiva seriada, por fazer a opinião pública desmitificar a idéia de que os conflitos de terra não são questões ligadas aos estados economicamente mais fortes, mostrando que mesmo o estado de maior Produto Interno Bruto do país enfrenta situações semelhantes aos demais. Além disso, segundo um dos líderes do MST, João Pedro Stédile:

*“ A novela conseguiu colocar os temas pertinentes à reforma agrária. A opinião pública viu o que era um acampamento e teve que conviver com a idéia de que tem gente morando em barraco com suas crianças e que está lutando por alguma coisa. De maneira criativa, o autor conseguiu colocar aspectos da vida do movimento: o acampamento, a escolinha, o papel da professora. Essa, aliás, foi uma reivindicação nossa para o Benedito, à medida em que, para nós, a educação é tão importante quanto a terra. Ele assimilou essa proposta e a professora entrou do meio da novela em diante, projetando uma imagem muito simpática e bonita de como*

*tratamos a educação nos acampamentos. Isto foi superimportante. Nós queremos valorizar a educação na nossa base, que às vezes prefere ver o filho trabalhando, e a novela ajudou a mostrar que tem que colocar os filhos na escola.”*<sup>5</sup>

A novela tem se tornado, ao longo dos anos, um importante mecanismo para atrair o telespectador para a esfera nacional, em função da “linguagem fácil” desse gênero de entretenimento. Termos como “terras devolutas” e “latifúndio improdutivo” somente passaram a fazer parte do universo semântico popular a partir da difusão n’**O Rei do Gado**, o que colaborou com a vulgarização de informações referentes ao cotidiano do campo, como a questão da terra, a sua concessão, utilização e improdutividade, bem como o atraso do governo em relação a uma política agrária mais clara. Lideranças do MST, a exemplo de João Pedro Stédile<sup>6</sup>, concordam com a importância da telenovela como foro das discussões dos problemas sociais, tanto que, em recente entrevista à revista *Teoria e Debate*<sup>7</sup>, afirmou que: “*Nem o MST, nem a Igreja Católica chegariam a esta faixa com o tema reforma agrária se não fosse por intermédio da novela*”.

N’**O Rei do Gado**, dois personagens destacaram-se como símbolos da luta pela terra: Regino, que em latim significa Rainha, numa alusão ao líder dos sem-terra, José Rainha, e o senador Roberto Caxias, um político empenhado na busca de soluções para a questão fundiária.

Regino era um líder idealista, que acreditava na possibilidade de se fazer reforma agrária no Brasil sem lançar mão de instrumentos geradores de violência no campo, ressaltando constantemente que a bandeira de seu movimento deveria ser verde, símbolo da esperança, e não o vermelho, ligado ao comunismo e ao “derramamento” de sangue. Com o *slogan*, “Terra sim, Guerra não”, ele percorre diversos pontos do país, chegando inclusive a uma das fazenda de Bruno Mezenga, com o intuito de acelerar o processo de distribuição de terras. Assim que conseguia repartir as terras entre seus “companheiros”, ele partia quixotesicamente em busca de “novas batalhas”.

O papel da mulher n’**O Rei do Gado** sofreu várias críticas por parte de lideranças do MST como Stedile e Suplicy. Para eles, Barbosa destinou às personagens

---

<sup>5</sup> *Teoria & Debate*, p.33, Ob. Cit.

<sup>6</sup> 44 anos, casado, pai de dois filhos, formado em economia com pós-graduação na Universidade Antônoma do México, Stédile, até agosto de 1996, já havia escrito quatro livros, sozinho ou em parceria, todos eles abordando a questão agrária.

<sup>7</sup> *Ibidem*

femininas papéis apáticos e irrelevantes na construção da trama:

*“Não gostamos também - e chegamos a comentar com o Benedito - do tratamento que ele deu ao papel da mulher. Ela sempre aparecia meio subjulgada. Não é assim que se comportam as mulheres lideranças do movimento. Na novela, todas as mulheres tinham um papel negativo. Uma era traidora do marido; a Luana era meio babaca e não sabia falar direito; a mulher do Zé do Araguaia, uma idiota...”*<sup>8</sup>

*“Com relação às mulheres, havia uma história de Cinderela: uma sem-terra excluída - a Luana -, que namora o latifundiário. No fundo, é a defesa da conciliação, da perspectiva da ascensão amorosa<sup>9</sup>, sempre melodramática”*<sup>10</sup>

O MST se opôs ao modo como foram tratados símbolos históricos da esquerda na telenovela, a exemplo da troca da bandeira vermelha pela bandeira do Brasil, como propunha a trama. Segundo Stedile, Barbosa teria sido aconselhado a não inserir a bandeira vermelha por se tratar de propaganda explícita ao MST. Porém, o que ficou evidenciado posteriormente, denegriu uma simbologia não somente utilizada pelo movimento, mas também por outras entidades de esquerda como a CUT, Central Única dos Trabalhadores e o PT.

O MST despreza o messianismo como modelo de liderança, inclusive fazem críticas a forma como foi colocado o personagem Regino n’**O Rei do Gado**:

*“(…) O Regino foi projetado um pouco como líder messiânico que decidia sozinho, para criar no imaginário da população que um bom líder dos sem-terra tem que ser igual àquele, de maneira que, de agora em diante, quando aparecerem lideranças que se comportam de forma diferente, o governo teria o direito de reprimir (...) Às vezes a imprensa pode criar essa imagem em torno do Zé Rainha, mas todo mundo sabe que é um princípio para nós do MST: sempre atuamos em comissão (...)”*

11

---

<sup>8</sup> STEDILE, João Pedro, *Teoria & Debate*, p.34, Ob. Cit.

<sup>9</sup> Ao abordar esse aspecto, Suplicy retoma o pensamento do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, manifesto em “Casa Grande & Senzala”, que ressaltava a violência registrada na história brasileira, “diluída na cama, amaciada por meio da miscigenação e das relações promíscuas entre escravos e senhores”

<sup>10</sup> SUPLICY, Eduardo Matarazzo, *Teoria & Debate*, p.37, Ob. Cit.

<sup>11</sup> *Teoria & Debate*, p.34, Ob. Cit

Ao fazer críticas a utilização da bandeira vermelha nas invações do movimento, a Globo atingiu a identidade do MST, não somente atrelada à bandeira, como também a seus cânticos, hinos etc, que auxiliam na participação ativa dos integrantes e estimula o sentimento de pertencimento à comunidade<sup>12</sup>, como coloca Haddad e Di Pierro:

*“(...) dificilmente poder-se-á tratar dos processos de formação política ou de educação desenvolvidos pelo MST sem abordar a ‘mística do movimento’. A ‘mística’ é entendida pelo MST como um conjunto de valores éticos, princípios políticos e sentimentos de solidariedade, adesão e confiança que unificam os militantes do movimento e são simbolizados por sua bandeira, hino, cânticos, palavras de ordem e gestos. A ‘mística’ é desenvolvida nas práticas cotidianas de formação por meio da presença constante dos símbolos do movimento e de sua variedade de rituais de evocação”<sup>13</sup>*

Quanto às críticas proferidas pelo senador Caxias (Carlos Vereza) ao Congresso Nacional, elas foram recebidas de diferentes formas por parlamentares. O senador Ronaldo Cunha Lima (PMDB-PB) foi um dos que mais reclamaram da postura de Caxias. Segundo ele, as acusações de que o Congresso trabalha pouco e os parlamentares usufruem de inúmeras vantagens somente colaboram para denegrir ainda mais a imagem do parlamento. Para ele, quando não estão em plenário, votando matérias de interesse da nação, os parlamentares estão em seus gabinetes, elaborando leis ou em seus respectivos estados, ouvindo suas bases.

O senador Suplicy acredita que **O Rei do Gado** transplantou para a TV o cotidiano das atividades no Congresso, que diariamente convive com poucos parlamentares em plenário, embora matérias importantes necessitem ser votadas e discutidas. Segundo ele:

*“Não são raras as vezes que temas importantes como os da injustiça e da violência vigentes no campo são tratados no Senado apenas com alguns senadores no plenário (...) Quando alguns senadores protestavam em Brasília, dei total apoio ao que havia sido mostrado na novela, uma vez que por diversas vezes já presenciei*

---

<sup>12</sup> A ideia de pertencimento comunitário teve origem nos estudos do pesquisador Michel Maffesoli, cuja obra ressalta a força agregada aos indivíduos no instante que se passam a fazer parte de grupos específicos, sejam comunidades ou tribos.

<sup>13</sup> HADDAD, Sérgio & DI PIERRO, Maria Clara. *Educação nos Movimento dos Trabalhadores rurais sem Terra em Bagé e Sarandi (RS)*, p.23 Cf. Biblio.

*situações semelhantes no parlamento.”<sup>14</sup>*

Lideranças do MST, como Stédile, concordam com esse ponto de vista e acrescentam que a telenovela tem sido um importante mecanismo para atenuar as distorções dos fatos relacionados ao MST:

*“(...) Existe uma contradição na televisão brasileira que faz com que o telejornal seja mais mentiroso do que a novela. Há mais verdade na novela - que é ficção - que no telejornal, que seria a informação (...)”<sup>15</sup>*

Para Suplicy, o fato da telenovela se constituir num ambiente mais politizado que o telejornal se deve ao fato dos autores terem autonomia sobre a obra e uma menor interferência por parte da cúpula da Rede Globo, diferentemente do telejornal, em que o editor funciona como uma espécie de censor e os repórteres elaboram pautas para agradar os superiores e obterem uma promoção no futuro. Apesar disso, ele salienta que não acredita que haja uma autonomia plena para os autores: *“Deve haver algum tipo de veto. Por exemplo: ‘O Brizola não entra’”<sup>16</sup>*

Stédile credita a Barbosa os méritos por ter inserido na teledramaturgia a questão fundiária que, apesar de fazer parte da conjuntura política nacional há muitos anos, a mídia, de um modo geral, pouco divulga aos meios populares ou, quando divulga, geralmente nos telejornais, faz de maneira que a linguagem não seja acessível à grande parte da população, de baixa escolaridade. Ele salienta as discussões em torno do ITR, Imposto Territorial Rural, como um dos exemplos, embora discorde da forma como o imposto vem sendo colocado pelo governo:

*“(...) O governo transformou o ITR numa questão de honra, como se fosse a solução para todos os problemas. Nenhum país do mundo fez reforma agrária com o ITR e, no caso brasileiro, o problema nem é de lei, é de falta de vontade política do governo para cobrar o imposto, porque a legislação anterior também permitia penalizar duramente os latifundiários. O governo fez um jogo de cena”, de propaganda e o autor entrou nessa (...)”<sup>17</sup>*

O senador Caxias era um parlamentar atípico no Congresso Nacional. Não

---

<sup>14</sup> SUPLICY, Eduardo Matarazzo, *Teoria & Debate*, p.36, Ob. Cit.

<sup>15</sup> *Teoria & Debate*, p.34, Op. Cit.

<sup>16</sup> Idem, p.38, Op. Cit.

<sup>17</sup> Idem

faltava às sessões e preocupava-se com os direitos das camadas marginalizadas pelos poderes constituídos, como os sem-terra. Por vezes fazia discursos inflamados para um plenário vazio, reclamando da inércia do poder público frente às grandes questões nacionais como as reformas agrária, tributária, política etc. Idealista, solidário e digno de desconfiança por grande parte de seus colegas, Caxias conseguia desagradar até mesmo sua esposa, que preferia que ele não fosse honesto.

Todavia, o papel de mediador entre os sem-terra e os latifundiários desempenhado por Caxias o colocava numa situação difícil, pois ele não poderia ter uma postura firme a cerca de aspectos da questão agrária como a política de desapropriação de terras sob pena de desagradar uma das partes envolvidas no conflito. Caxias apostava no consenso entre as partes como solução para a questão agrária. Mesmo com essa postura, seu envolvimento com a realidade dos sem-terra foi tão intenso que acabou por ser assassinado numa emboscada dentro de um dos acampamentos. A partir deste instante, Caxias foi posto como um mártir devido à sua dedicação à solução dos conflitos no campo.

Embora membros da imprensa como o cronista José Simão<sup>18</sup>, da **Folha de São Paulo**, tenham colocado Suplicy como o verdadeiro senador Caxias, o senador petista desconversa, afirmando que há muitos senadores dedicados e que realizam um trabalho em prol do poder público. Todavia, Suplicy não economiza nas críticas ao personagem:

*“ (...) Ele (Senador Caxias) era apenas um senador honesto e bem-intencionado, mas politicamente inoperante. Ele não fazia política, fazia um pouco de caridade, de vacilação e culpa. Não era um senador com um programa de transformação social. Era um homem apenas angustiado com o drama humano dos sem-terra. Sem desmerecer a compaixão que move os homens e a solidariedade humana, mas ele era um despolitizado (...)”*

## **Considerações Finais**

Passada a repercussão em torno da telenovela **O Rei do Gado**, questiona-se qual o resíduo deixado pela obra no imaginário popular. Certamente, cada indivíduo guarda para si um ou outro aspecto, porém percebe-se que alguns deles se consolidaram como

os mais significativos.

Primeiramente, é válido salientar em que circunstâncias este processo ocorreu: a novela **O Rei do Gado** foi uma das raras oportunidades em que a questão fundiária pode ser discutida de maneira ampla em “horário nobre”, atingindo diferentes classes sociais. Devido ao aspecto inerente à teleficção, a seriação, o telespectador pode acompanhar ao longo de meses o desenvolvimento da trama, fazendo uma “montagem” de imagens dos sem-terra, resultando na formação de opinião, favorável ou não ao movimento.

Entre o final de 1997 e início de 1998, percebeu-se que o impacto imediato da novela começava a dar sinais de desaparecimento, porém a forma como passaram a ser vistos os sem-terra foi sensivelmente modificada. É provável a telenovela tenha conseguido alterar o conceito de muitos indivíduos acerca das reivindicações do movimento, passando a enxergá-las como lícitas frente a desigualdade social no campo. Essas pessoas passaram a compreender que não existe outra forma de sensibilizar o governo em relação a questão fundiária que não seja através de ocupações e muito barulho. É como se percebessem que os sem-terra são uma das poucas instituições organizadas capazes de pressionar o governo para as questões sociais do país.

De fato, pode-se admitir também que os sem-terra são a vanguarda das instituições de esquerda do país por não estarem ameaçados pelas consequências da nova ordem mundial, sobretudo o desemprego, como os sindicatos de trabalhadores da indústria, do comércio e funcionários públicos. Juntamente com as associações de bairro, passaram a “gritar” e a obrigar os governos a ouvi-los. Essa tendência também é observada nas demais classes de trabalhadores, porém, enfraquecidos, estes apenas torcem para que possam obter ganhos com a jurisprudência das conquistas dos colegas.

Com a crise econômica da “era da estabilidade”, parte da classe média, pauperizada com as medidas de contenção de salários do governo, passou a conceber os sem-terra não mais como indivíduos sem menor importância e sim como cidadãos que lutam por melhores condições de vida. Nesse instante, não se pode desprezar a influência da teleficção, em especial d’**O Rei do Gado**, nesta mudança de mentalidade.

---

<sup>18</sup> SIMÃO, José. *Uepa!Uepa! O Suplicy foi ao próprio enterro?*, **Folha de São Paulo**, 21/01/97.

## Referências Bibliográficas:

### Periódicos

A ESTÉTICA do cinema no vídeo: O diretor de núcleo da Rede Globo capricha nas tomadas externas da próxima novela das 20 H. **O Globo**, Rio de Janeiro, 16 jun. 1996. Não paginado.

A TELENÓVELA acabou?: o gênero, líder de audiência há 25 anos na TV brasileira, está desgastado; Folha promove hoje debate sobre o tema. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 1 jun. 1996. Não paginado.

A TRILHA de epopéia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 10 jan. 1997. d10.

ALMEIDA, Miguel de. O criador à mercê das criaturas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jun. 1993. Não paginado.

\_\_\_\_\_ Uma novela das origens brasileiras: Benedito Ruy Barbosa, com “Os Imigrantes”, conseguiu, em um mês, maior audiência que a Rede Globo. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 25 jan. 1981. Não paginado.

ANDRADE, Patrícia. A consagração do gênero ‘novela de arte’: Com ‘O rei do gado’, diretor comanda um dos maiores sucessos dos últimos anos, só comparável à sua ‘Renascer’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 28 set. 1996. Não paginado.

BLECHER, Nelson. Índice de ‘Pantanal’ é manipulado, diz autor. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 13 maio. 1990. Não paginado.

CASTRO, Daniel. Autor de novela diz sofrer ameaças: escritor Benedito Ruy Barbosa afirma que tem sido pressionado por sem terras e por fazendeiros. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 26 jan. 1997. Não paginado.

DOMINGUES, Regina. Senador morre em conflito de terras: personagem de Carlos Vereza é atingido em tiroteio no capítulo de amanhã de ‘O Rei do Gado’. **Jornal da Tarde**, São Paulo, jan.1997. Não paginado.

DUARTE, Sara. Dupla de ‘O Rei do Gado’ deixa as novelas: Benedito Ruy Barbosa e Luiz Fernando Carvalho optam por produções mais curtas. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 jan. 1997. Não paginado.

\_\_\_\_\_. Novela em ritmo frenético: fim da monotonia. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 11 jan. 1997. Não paginado.

ELIAS, Eduardo. Benedito Ruy Barbosa aposta alto em ‘O Rei do Gado’: rumores de que a sua próxima novela na ‘Globo’, ainda com título provisório, não vai mais substituir ‘A Próxima Vítima’ no horário das 8 não incomoda o autor, que continua escrevendo freneticamente. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 5 maio. 1996. Caderno 2, d. 7.

- \_\_\_\_\_ A vez dos sem terra: Benedito Ruy Barbosa acredita que sua novela, superprodução da Globo que estréia amanhã com direção de Luiz Fernando Carvalho, pode ajudar o país a conquistar a paz no campo. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 16 jun. 1996. Não paginado.
- EM 1963, o primeiro trabalho em novelas. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 fev. 1991. Não paginado.
- FERNANDES, Lilian. Despedida do horário nobre da televisão: Benedito Ruy Barbosa diz que ‘O Rei do Gado’ é sua última novela. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 jan. 1997.p.1.
- \_\_\_\_\_. E o boi não foi para o brejo: apesar dos inúmeros problemas, ‘O Rei do Gado’ chega ao fim com bom índice de audiência e saldo positivo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 fev. 1997. Não paginado.
- FLEXA, Rodrigo Arco e . Quem explica essa paixão brasileira?: maior produto de nossa indústria cultural, as novelas de televisão viraram tema de estudos na Universidade. **Jornal da USP**, São Paulo, 21 a 27 jun. 1993. p. 3.
- GAMA, Júlio. Patrícia Pillar vive o drama dos bóias-frias. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 29 jun. 1996. Caderno 2, d. 24.
- GIL, Marisa Adán. “O Rei do Gado” une Jobin a sertanejos. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 4 set. 1996. Caderno 4, p. 1.
- INCORPOROU. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 8 abr. 1997. A6.
- LAZARETTI, Marilla. O Senhor das 20 horas: tramas bem montadas, dramas reais e uma dose de espiritualidade. Benedito Ruy Barbosa, autor de “Renascer”, fala de suas preocupações e seus personagens. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 18 set. 1996. Não paginado.
- MALEDETTO latifúndio. **Revista trimestral do Partido dos Trabalhadores**, São Paulo, ano 10, nº 34-9, p. 32,9, março, abril e maio de 1997.
- MATTEUCCI, Lenora. Novos projetos do autor de ‘Pantanal’: Benedito Ruy Barbosa volta à TV Globo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 25 fev. 1991. Não paginado.
- MERCK fatura “Rei do Gado”. **Exame**, Rio de Janeiro, p. 13, 31 jun. 1996.
- MOREIRA, Paulo Ricardo, DINIZ, Henrique, DUTRA, Maria Helena. Uma belíssima novela: até o autor Benedito Ruy Barbosa chorou com as cenas emocionantes da primeira semana de ‘O Rei do Gado’. **O Dia**, [s.l.], 22 jun. 1996. Não paginado.
- NO INCONSCIENTE, o segredo da audiência. **O Globo**, Rio de Janeiro, [1993?]. Não paginado.

- \_\_\_\_\_. Se todos fossem iguais a você...: infelizmente boa parte dos políticos da vida real não chega aos pés de Roberto. **Contigo**, Rio de Janeiro, p. 18-19, 5 nov. 1996.
- OLIVEIRA, Ivanilda de. Benedito Ruy Barbosa em defesa do homem do campo. **Sabadão Sertanejo**, [s.l.], p.18-19, [1996?].
- O 'REI do gado' recupera audiência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 fev. 1997. Não paginado.
- O RETORNO do Mito, **Veja**, 17 de julho de 1985, p.108.
- ORIGEM caipira é motivo de orgulho. [s.l.]. [199-]. Não paginado.
- \_\_\_\_\_. O Brasil dos sem terra, em horário nobre: estréia dia 17 na Globo 'O Rei do Gado', de Benedito Ruy Barbosa, desta vez, o autor de 'Pantanal' e 'Renascer' enfoca a trajetória do café e mostra o país de hoje e, na ficção, faz o fazendeiro milionário se apaixonar pela bóia-fria. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 3 jun. 1996. Não paginado.
- PADIGLIONE, Cristina. Uma superprodução às oito: trama de Benedito Ruy Barbosa tem até cenas em película de cinema na primeira fase. **Jornal da Tarde**, [s.l.], [1996?]. Não paginado.
- \_\_\_\_\_. A Globo volta ao campo: com "O Rei do Gado", novela de Benedito Ruy Barbosa que estréia segunda-feira. **Jornal da Tarde**, São Paulo, 15 jun. 1996. Não paginado.
- \_\_\_\_\_. 'O Rei do Gado' ganha prêmios em festivais. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 maio. 1997. Não paginado.
- PAIVA, Ana Bela. Benedito defende sua isenção: autor de 'Rei do Gado' considera ameaça da UDR uma brincadeira. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 23 jan. 1997. Não paginado.
- PAZ marca fim de 'O Rei do Gado'. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 fev. 1997. Não paginado.
- PIMENTA, Ângela. O autor dos 200 capítulos que abalaram a "Globo": Benedito Ruy Barbosa, entre exausto e aliviado, falou ao caderno 2 antes de assistir às gravações do fim da novela, que terminam na Terça, dia 11. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 1990. Caderno 2, não paginado.
- PRAIA de novela. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 31 jul. 1996. D 5.
- RACY, Sonia. Freud explica. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 6 ago. 1996. B 2.
- RAINHA JR, José. FHC e Reforma Agrária, **Folha de São Paulo** [on line] disponível na Internet via WWW.URL.[http://WWW.uol.com.br/fsp/opinião/fz\\_230209.htm](http://WWW.uol.com.br/fsp/opinião/fz_230209.htm). arquivo capturado em 18 de fevereiro de 1997.

'REI do Gado' exibiu belas imagens, bons atores e festival de mancadas. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 9 fev. 1997. Não paginado.

REIS, Artulio. Almir Sáter: o rei do gogó. **A Tarde**, Salvador, 5 jan. 1997. Lazer e informação, p. 16.

RODRIGUES, Apoenan. Um anarquista de coração rural. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 11 abr. 1993. Não paginado.

SASTRE, Vera. Estou muito cético em relação às novelas: O diretor Luiz Fernando Carvalho fala sobre seus planos e critica a teledramaturgia atual. **Contigo**, Rio de Janeiro, p. 18-19, 04 fev. 1997.

SIMÃO, José. *Uepa! Uepa! O Suplicy foi ao próprio enterro?*, **Folha de São Paulo** [on line] Disponível na Internet Via [WWW.VRL.http://WWW.uol.com.br.fsp/ilustrad/fc210113,.htm](http://WWW.VRL.http://WWW.uol.com.br.fsp/ilustrad/fc210113.htm). arquivo capturado em 21 de janeiro de 1997.

SINOPSE de O Rei do Gado. **Boletim de Programação da Rede Globo**. Rio de Janeiro, 15 jun. 1996.

SOUZA, Ana Claudia. Um escritor com sotaque caipira encara o desafio do horário nobre. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 mar. 1993. Não paginado.

TELENOVELA precisa de mais audiência. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 jun. 1996. Não paginado.

---

Um autor com jeito de personagem: o novelista Benedito Ruy Barbosa, de O Rei do Gado, tem uma vida tão agitada quanto os papéis que cria. **Veja**, São Paulo, p. 122-123, 17 jul. 1996.

VERA volta em 'O Rei do Gado'. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 15 jun. 1996. Não paginado.

#### Livros, Textos e Teses

BECKER, Beatriz. **O Sucesso da Novela Pantanal: Um Fenômeno de Mídia**. Rio de Janeiro, 1992. p. Dissertação (Mestrado em .....) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1992.

COSTA, Soraia Rodrigues. **Telenovela: o gênero de maior sucesso da televisão brasileira**. GT Ficção Televisiva Seriada, INTERCOM, 1997.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. Tradução por Gilson Cesar Cardoso de Souza. 14 ed. São Paulo: Prespectiva, 1996, 184 p. Tradução de: Como se fa una tese di laurea.

FERNANDES, Ismael. **Telenovela Brasileira**. 3ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 402 p.

GOMES, André Messias de Oliveira, NASCIMENTO, Fábio José da Silva, MASCARENHAS, Tatiane Cordeiro. **Política e Ficção: a transtextualidade em O Rei do Gado**. GT Ficção Televisiva Seriada, INTERCOM, 1997.

MATTELART, Michèle, MATTELART, Armand. Tradução por Suzana Calazans. **O Carnaval das Imagens: a ficção na TV**. São Paulo: Brasiliense, 1989, 206 p. Tradução de: Le Carnaval des Images.

PRADO JÚNIOR, Caio. **A Questão Agrária no Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1979.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia Científica**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991, 177p.

SANTOS, José Vicente T. dos (org.). **Revoluções camponesas na América Latina**, São Paulo: Ícone/Ed. da Unicamp, 1985.